

ENSAIO SOBRE A ESCRITA DE SI NAS CORRESPONDÊNCIAS DE ADEMAR VIDAL PARA CÂMARA CASCUDO

ESSAY ON THE WRITING OF SELF IN THE CORRESPONDENCE OF ADEMAR VIDAL

Maria Joedna Rodrigues MARQUES¹

Joel Carlos de Souza ANDRADE²

Resumo: Este ensaio tem como proposta analisar a escrita de si através das correspondências enviadas pelo intelectual paraibano Ademar Vidal ao intelectual Luís da Câmara Cascudo. Consideramos esse tipo de fonte como possibilidade para analisar também perspectivas biográficas, visto que, evidenciam nuances pessoais segundo a percepção do eu. Para isso, utilizamos um conjunto de epístolas, localizadas no Instituto Câmara Cascudo (Ludovicus). Tendo como data inicial de envio na década de 1940, destacamos as cartas remetidas nas décadas de 1970 e 1980, período de forte reflexão e rememoração, pois o intelectual paraibano encontrava-se idoso. A partir dos relatos vidalianos, podemos observar interações intelectuais, colaboração em projetos e o reconhecimento mútuo desses indivíduos dentro da esfera intelectual, sendo também aprofundados os laços afetivos, por meio da partilha de experiências, sentimentos e confissões. Em termos teórico-metodológico partimos das contribuições feitas por Sirinelli (2003), Gomes (2004) e Arfuch (2010).

Palavras-chave: Escrita de si, Ademar Vidal, Epístolas, Biografia, Paraíba.

Abstract: This essay proposes to analyze self-writing through the letters sent by the Paraíba intellectual Ademar Vidal to the intellectual Luís da Câmara Cascudo. We consider this type of source as a possibility to also analyze biographical perspectives, as they reveal personal nuances according to the perception of the self. For this, we used a set of epistles located at the Câmara Cascudo Institute (Ludovicus). Beginning with the initial correspondence in the 1940s, we highlight the letters sent in the 1970s and 1980s, a period of deep reflection and recollection, as the Paraíba intellectual was elderly. From Vidal's accounts, we can observe intellectual interactions, collaboration on projects, and the mutual recognition of these individuals within the intellectual sphere, with emotional bonds also deepened through the sharing of experiences, feelings, and confessions. In theoretical-methodological terms, we draw on the contributions of Sirinelli (2003), Gomes (2004) and Arfuch (2010).

Keywords: Self-writing, Ademar Vidal, Epistles, Biography, Paraíba.

Recortes e perspectivas

¹* Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista Capes; integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Regional e Saberes Locais (UFCG/CNPq). E-mail: joednarodrigues@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2992106020459166>; ORCID-id: <https://orcid.org/0000-0003-2434-0600>.

²** Joel Carlos de Souza Andrade; Professor Associado III do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História do CERES (PPGHC), do Centro de Ensino Superior do Seridó (Caicó), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutor em Altos Estudos em História, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Membro do Grupo de Pesquisa História dos Sertões e da Visões Cruzadas sobre a Contemporaneidade (VCC) – Rede Internacional Interdisciplinar de Estudos. E-mail: joel.andrade@ufrn.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6752728114568336>; ORCID-id: <https://orcid.org/0000-0003-2141-0212>.

Este texto foi construído numa perspectiva ensaísta¹, em decorrência da liberdade da linguagem, que não é fechada nos moldes e padrões que nós historiadores comumente utilizamos. Encarando também o compromisso com a cientificidade da disciplina histórica e compreendendo as possibilidades do ensaio enquanto uma provocação. Esse se propõe a não fechar portas e definições amarradas, permitindo incertezas, brechas e diálogos.

Ademar Vidal (1897-1986) foi um intelectual paraibano que dividiu sua atuação entre o campo jurídico e a colaboração em periódicos aconteceu com maior ênfase entre 1920 e 1950, como a *Era Nova* e *A União* (PB), *O Diário de Pernambuco* (PE) e *O Jornal* (RJ), a partir dos Diários Associados. Posteriormente, Vidal voltou-se para realização/publicação de estudos biográficos.

Entre suas produções enfatizamos as seguintes: *O incrível João Pessoa* (1930); *Do grande presidente* (1931); *1930: História da revolução* (1933); *Guia da Paraíba* (1943); *Terra de homens* (1945); *Mundo livre* (1945); *Espírito de reforma* (1945); *Importância do açúcar* (1945); *Europa* (1949); *Lendas e Superstições* (1950); *Fome* (1922); *O Outro eu de Augusto dos Anjos* (1967); *Mário de Andrade e o Nordeste* (1967); *Assis Chateaubriand por ele mesmo* (1989); os livros mencionados abordam temas como história política, estudos folclóricos, estudos sociais e ensaios biográficos.

Destacou-se também no campo dos estudos folclóricos, desenvolveu uma parceria com Luís da Câmara Cascudo, e chegou a fundar e presidir uma instituição paraibana dedicada aos estudos folclóricos, sendo uma congênere da Sociedade Brasileira de Folclore (1941-1963). Destaque-se que as correspondências enviadas ao intelectual nordestino-grandense, na década de 1940, são algumas das fontes para análise da atuação de Vidal enquanto um folclorista.

A Paraíba foi um tema recorrente nas produções vidalianas, sobretudo em seus temas culturais, sociais e políticos. Em relação à Paraíba é corrente em seus textos dividi-la nas espacialidades litoral, várzea ou brejo e sertão. Em decorrência disso, localizamos com frequência escritos que se dedicam a destacar cada espaço que na sua percepção formulam uma dada Paraíba.

A escrita de si de Ademar Vidal a partir das correspondências enviadas ao potiguar do folclorista Câmara Cascudo constituirá o objeto deste texto. Elas estão localizadas no Instituto Câmara Cascudo (Ludovicus), na cidade de Natal (RN). Foram 23 epístolas enviadas ao longo das décadas de 1940 (15 cartas), 1960 (2 cartas), 1970 (4 cartas) e 1980 (2). Temos um conjunto de correspondências no qual observamos uma considerável

partilha de ideias e vivências desde a década de 1940, em decorrência de projetos intelectuais e experiências que aproximaram esses sujeitos.

Diante do volume exposto, optamos por selecionar como recorte as suas últimas 6 correspondências, considerando o momento da sua escrita, visto a idade avançada do intelectual paraibano, que ao final de 1977 já estava com 80 anos. Estava afastado da imprensa, porém ativo na tarefa epistolar, tratando-se também de uma produção mais reflexiva. Nessas correspondências, observamos um movimento de rememoração, partilha da intimidade familiar e uma articulação intelectual. As demais cartas são abordadas, para compreendermos como iniciou-se essa interação intelectual e aprofundou-se em partilhas intimistas tomadas por afetividade.

Nossa intenção pauta-se por analisar os recursos utilizados por Vidal na construção intelectual e as afetividades, em particular uma retomada de seus percursos pessoais e intelectuais através da rememoração de momentos que para ele foram importantes. Identificamos no esforço empreendido a fomentação de uma *escrita de si*. Apesar da delimitação das cartas, utilizaremos trechos de correspondências enviadas anteriormente, quando necessário, para dialogar com informações ou características que se destacaram na produção epistolar do paraibano.

Enquanto historiadores, podemos elencar muitas questões que ficarão ainda sem respostas. Por exemplo, não sabemos o que aconteceu na década de 1950 nas vivências de Vidal que impediram, se é que foi essa a causa, de não encontrarmos cartas enviadas para Cascudo no período. Não localizamos correspondências após 1943, devemos considerar a mudança da família vidaliana, em 1944, para o Rio de Janeiro. Podemos conjecturar que foi um período de afastamento. Talvez por estabelecer outras relações intelectuais, até mesmo pela dedicação às atividades jurídicas que desempenhou, ou por mudanças temáticas de produção. De qualquer forma, o diálogo epistolar entre os intelectuais foi retomado em 1968.

Ademar Vidal permaneceu em solo paraibano durante boa parte de sua vida, sendo a terra natal e a região nordestina enfatizada constantemente em suas produções. Conciliou a escrita e dedicação ao mundo intelectual, com os deveres profissionais no âmbito jurídico. Nesse cenário de experiência, destacam-se as redes intelectuais que, para Jean-François Sirinelli (2003), trata-se de grupos organizados em decorrência de interesses ou partilhas culturais em comum, passam a alinhar projetos e consequentes atuações intelectuais gerando também uma dimensão afetiva. A atuação de Vidal nestas redes refletiu nas suas vivências particulares e públicas², como o seu contato com outros escritores e a divulgação de seus escritos em diversos periódicos de circulação nacional.

Entre eles, a colaboração para os *Diários Associados* de, Assis Chateaubriand, nas décadas de 1940-1950. Podemos destacar alguns nomes que estiveram em articulação com o paraibano, como Luís da Câmara Cascudo, Gilberto Freyre e Mário de Andrade.

Nesse cenário de troca intelectual, as cartas enviadas para Câmara Cascudo sobressaem. Em decorrência do número de correspondências optamos por analisar de forma mais compiladas as das décadas de 1970 e 1980, produzidas durante a velhice. Essas temporalidades e as vivências particulares influíram na escrita epistolar permitindo a percepção de sujeitos, mudanças e desejos que permearam por Vidal. Identificamos trajetos intelectuais, momentos familiares, desabafos e partilhas. Compreendemos assim, as correspondências como um suporte que podem carregar em suas linhas marcas, a escrita de si de um sujeito.

Além da dimensão pessoal, afetiva e de registro do eu, salientamos as correspondências como meios comunicativos utilizados pelos intelectuais. Sirinelli define esses sujeitos enquanto “atores do político” (Sirinelli, 2003, p. 231), ou seja sujeitos que colocam-se como agentes de intervenção social. Em consonância com essa perspectiva, Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016) apresentam a seguinte definição: “[...] são homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social”, em decorrência dos espaços de atuação desses sujeitos “[...]devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social” (Gomes; Hansen, 2016, p. 10). Atuam de forma privilegiada na sociedade, possuem uma interação e posição de destaque, com discursos autorizados, ao mesmo tempo, podendo reconhecer ou negar outros sujeitos e discursos. Desta forma, podemos destacar um campo carregado de embates, conflitos e disputas, também nas *redes de sociabilidades* constituídas por esses indivíduos.

Através da escrita epistolar, evidenciamos nesses sujeitos, em particular, projetos, desabafos, confissões, ambições, grupos em comum, um mesclar entre a vivências públicas e privadas. Uma interação de troca de favores, partilhas de conquistas, orientações e indicações de leituras. Assim, a troca epistolar é caracterizada pelo intercâmbio de “[...] informações e sentimentos íntimos, quanto porque cabe a quem lê, e não a quem escreve (o autor/editor), a decisão de preservar o registro. A ideia de pacto epistolar segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder e guardar cartas” (Gomes, 2004, p. 19).

Também percebemos nessa elaboração epistolar de Vidal, a recorrência da memória que para Paul Ricoeur (2007) é compreendida como uma forma de acesso ao passado, atuando antes da constituição da lembrança, mantendo um pacto temporal, já que ela representa o passado. O ato de apoiar ou buscar a memória parte de acreditarmos enquanto recurso privilegiado de relação com o passado, pela própria percepção que atribuímos ao caráter testemunhal.

Um elemento importante nesse processo de resguardar da memória é o ato de esquecer, Ricoeur (2007) declara que não se trata de uma oposição, mas de uma relação complementar, ou seja, busca-se guardar na memória aquilo que não deve ser esquecido. Sendo a recordação uma prática que exige uma busca, um processo maior de participação do sujeito, pois a “[...] a recordação luta contra o esquecimento, ainda, recordar trata-se de uma busca. Lembrança e recordação fazem parte da memória exercitada, na qual lembrança trata-se de evocação e recordação é uma busca, uma procura” (Ricoeur, 2007, p. 49).

Percebemos também em relação à produção epistolar de Ademar Vidal, ao longo de suas cartas, uma maior abordagem da intimidade familiar. Inicialmente, os assuntos tratados eram vinculados aos projetos em comum, ao desenrolar de ideias, com o passar do tempo, percebemos trocas afetivas, a vontade de ver o amigo e os últimos acontecimentos familiares, como a chegada de mais um filho. Assim, temos um aprofundamento das próprias relações dos sujeitos, que demonstraram inicialmente uma interação intelectual que se tornou também uma interação afetiva.

Outro elemento que pode ser destacado nessas produções epistolares, é a partilha de experiência a partir de uma temporalidade próxima, ou seja, o ato de compartilhar vivências e ideias o mais breve do momento em que foram realizadas. Essa conexão permite uma reciprocidade em olhares e respostas, o diálogo e a interação que fundamenta uma troca efetiva de correspondências

Ângela de Castro Gomes (2004) chama a atenção para elaboração da própria identidade do autor ao partilhar e confiar ao destinatário a *escrita de si*, a exposição da vida privada ou pública exigem uma abertura e um movimento de entrega. Como elencou a autora (Gomes, 2004, p. 14-15): “[...] a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua’ verdade. Ou seja, toda essa documentação de ‘produção do eu’ é entendida como marcada pela busca de um ‘efeito de verdade’”.

A intenção do sujeito ao depositar através das palavras suas confissões parte de sua própria versão do que foi vivido, relatado, parte de uma subjetividade, na qual as

formas de argumentação, os sentidos atribuídos e o que eles nos revelam é mais importante que a atribuição do que seria o verdadeiro segundo sua percepção, inclusive, no desejo de expressar uma verdade, há uma vontade de ser fiel que passa primeiro por um filtro particular, o eu.

Tecendo uma intimidade: primeiras correspondências

Figura 1 - Pintura de Ademar Vidal feita por Nevinha Araújo - João Pessoa, 17/01/1972.



Fonte: Instituto Histórico Geográfico Paraibano, 2024.

Ademar Victor de Menezes Vidal nasceu na capital paraibana, atual João Pessoa, no final do século XIX, em 07 de outubro de 1897. Herdou por parte da sua família paterna o vínculo com a imprensa. Ao longo das décadas de 1920 e 1930, passou a publicar na imprensa paraibana, com foco em temáticas políticas e sociais.

Desde a década de 1920 ganhou destaque no cenário intelectual e político paraibano, exerceu cargos vinculados ao Estado e tornou-se na década de 1930 um divulgador do governo de Getúlio Vargas. Na década de 1940, passou a atuar com maior destaque em entidades intelectuais, como o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), do qual foi presidente entre 1941 a 1944; também foi membro da Sociedade Brasileira de Folclore (SBF), criada em 1941 por Luís da Câmara Cascudo, na cidade do Natal, com o intuito de organizar as produções folclóricas. Ademar Vidal fundou e presidiu em João Pessoa, no ano de 1941, a Sociedade Paraibana de Folclore (SPF), pela qual desenvolveu pesquisas folclóricas a partir da coleta de material com seus colaboradores distribuídos ao longo do estado.

Essas múltiplas atuações envolveram o contato com outros sujeitos desse cenário intelectual, como Antônio Bento de Araújo Lima e Mário Pedrosa, bem como elos entre Ademar Vidal e Mário de Andrade em sua visita à Paraíba durante a viagem do escritor paulista ao Nordeste, tornando-o um correspondente de cartas. Nessas interações intelectuais, destacamos também a relação com Câmara Cascudo, colaborador e incentivador dos estudos culturais vidalianos. Sobre este âmbito de produção, a década de 1940 marcou o direcionamento da sua obra ao viés cultural e social, voltando-se aos estudos da cultura popular paraibana. Assim, ele participou dos movimentos literários, das expedições folclóricas e dos principais congressos intelectuais da sua época, gerando uma alta repercussão da sua produção escrita.

Para refletirmos como as epístolas de Ademar Vidal nos permite traçar perfis, observar seus trajetos intelectuais, espaços ocupados, circulação e colaboração com Câmara Cascudo, é necessário enfrentar os relatos da década de 1940. Visto, que vamos identificando como essas interações tornam-se também mais afetivas, como as partilhas de informações estiveram lado a lado com a troca de vivências e experiências.

A primeira correspondência localizada no Ludovicus foi datada de 18 de março de 1940, na qual Vidal solicitou o envio de livros da autoria de Câmara Cascudo, ainda pedindo referências sobre os franceses em solo norte-rio-grandense, alegou ser um interesse de estudo que desenvolveria. Nessa primeira correspondência alguns elementos devem ser considerados, como a brevidade do texto, pois tratou-se da solicitação de material e das expressões utilizados ao início e fim “Querido Cascudinho” e “com um abraço afetuoso de seu velho dedicado Ademar Vidal”.

No ano seguinte, em 29 de dezembro de 1941, Vidal escreveu outra carta. Contudo, observamos que há nessa uma interação entre os sujeitos, visto que o paraibano relatou já ter providenciado a solicitação de Cascudo, ao fundar a Sociedade Paraibana de Folclore (SPF)³, congênere da Sociedade Brasileira de Folclore (SBF)⁴, cuja premissa era realizar e sistematizar os estudos folclóricos nacionais.

Vale destacar a participação vidaliana na instituição, assim como, a escolha dele por parte de Cascudo para organizar a filial em solo paraibano. Para prosseguir com o trabalho iniciado, Vidal pediu algumas informações e comunicou ter sido eleito presidente do Instituto Histórico Geográfico Paraibano (IHGP), vale ressaltar como essa instituição dedicou-se, principalmente, na primeira metade do século XX para compor uma identidade paraibana, estabelecendo para si a missão também de ser um polo de intelectualidade. Ao final ainda, enfatiza o desejo de encontrar o potiguar: “Estou ficando velho e precisando de estar junto de amigos de adolescência. Não precisa você disso, bem

eu sei, mas eu já estou necessitando de rever amizades, deixar-me ficar em longas conversas e passeios sem destino” (Vidal, 1941, p.1). O trecho é interessante, pois demonstra uma aproximação, sendo inclusive, revelado que os dois haviam se conhecido quando jovens, e com o tempo sentira a necessidade de reencontrar os amigos, talvez por não terem tido tantos encontros presenciais, sendo fortalecido os laços afetivos, em sua primazia, por correspondências. Em cartas posteriores, Vidal rememorou em relatos o primeiro encontro entre os dois.

Aos 71 anos de idade, em carta de 07 de março de 1968, Vidal relembra o primeiro encontro com Cascudo: “E escreva-me por ser enorme prazer para mim, seu velho amigo, cujo primeiro encontro (915 ou 16?) na Livraria Andrade, em João Pessoa. Por sinal que você adquiriu ‘um conto de réis de livros’”. Nossa intenção ao destacar estes trechos é evidenciar como o contato entre ambos se iniciou antes da década de 1940. Eles fizeram parte de uma mesma geração de intelectuais e na velhice continuaram a trocar correspondências, em particular, com passagens mais afetivas e de rememoração de algumas vivências.

Na década de 1940, as correspondências enfatizavam nas colaborações intelectuais, sendo comum a solicitação de textos, além dos projetos que estavam sendo desenvolvidos, como interesse em estudar alguns temas, feedbacks de como estava a congênere SPF, sendo ainda possível cartografar a produção vidaliana, visto que fazia questão de relatar o que estava em produção ou em processo de publicação. Destacamos também, a materialidade dessas cartas, sendo frequente o uso de papéis timbrados com: “Ministério Público Federal – Procuradoria da República – Paraíba” ou “Sociedade Paraibana de Folclore - Trincheiras, 554 – João Pessoa – Estado da Paraíba – Brasil”. O que reforça como essas atuações vidalianas eram conciliadas com os cargos jurídicos/políticos exercidos e também como a SPF tomou parte considerável das suas preocupações intelectuais reforçando sua participação nos estudos folclóricos.

Outro elemento que vale ser destacado é que algumas epístolas são mais curtas, direcionadas a responder o que aparentemente havia sido enviado por Cascudo, ressaltamos que não temos as cartas enviadas ao paraibano, mas é perceptível retorno a temas que foram relatados pelo intelectual. E mesmo, que não abordasse diretamente confissões ou experiências, observamos que a linguagem utilizada por Vidal se tornou mais intimista, expressando a admiração pelo amigo ou fazendo comentários que trazem essas marcas pessoais.

Desta forma, no âmbito intimista, as cartas enviadas por Vidal na década de 1940 caracterizam-se por compartilhar informações como o nascimento de um filho, troca de

fotografias, desabafos, confissões, reforçando o desejo de reencontrar, por isso constantes convites para que Cascudo realizasse uma fala no IHGP. Com maior interação também vão se mesclando as narrativas, então intelectualidade e intimidade passam a serem retratadas juntas.

Destacamos passagens como: “Escrevo-lhe às pressas. O dia está lindo. Que tarde gloriosa esta que estou vivendo em meio de tanta luz, o céu sem nuvens, a paisagem de pomar, qualquer coisa que indica imortalidade, futuro, essa nossa ânsia de continuar” (Vidal, 1943). Trecho da carta datada de 06 de fevereiro de 1943, no qual Vidal narrou como estava vendo aquele dia no momento da escrita. Elementos como esses foram sendo expressados ao longo das narrativas missivas, o que demonstra uma abertura entre os sujeitos para partilhar sentimentos, percepções e o estado do eu no momento da escrita. Pela forma como Vidal apontou alguns elementos, vai se reforçando que a troca de intimidades era por ambas as partes, já que em muitas narrativas havia menções a acontecimentos do destinatário.

Ainda na mesma missiva:

quando estiver aqui, terá de dizer qualquer coisa no Instituto Histórico, falar sobre a nossa Sociedade de Folclore, além de fazer passeios, visitar e ver um bocado de gente bonita (ainda estamos moços, seu Cascudo; e eu morrerei velhinho mas sempre com o gosto da vida no que às vezes parece que é o melhor: o contacto com a juventude e a beleza)[...] Com a presença é que poderemos tratar de vários assuntos que nos interessam primordialmente: publicações, trabalho em comum, uma porção de desejos que andam esparsos precisados de realização enérgica (Vidal, 1943).

Vidal recorrentemente convidou Cascudo para realizar uma conferência no IHGP, momento no qual o paraibano o presidia. O trecho acima, ele destacou um possível tópico da fala que poderia ser realizada pelo intelectual potiguar, vale reforçar o uso do termo “nossa”, o que demonstra a inserção de Vidal nos estudos folclóricos. Colocar-se como um integrante da instituição é um elemento significativo de como o próprio percebia sua atuação e também, o desejo de alinhar projetos futuros em comum.

Vale enfatizar como esses relatos mesclam entre interações intelectuais e passagens pessoais que podem ser utilizados como fontes para os estudos biográficos, considerando que:

não é tanto o ‘conteúdo’ do relato por si mesmo — a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes —, mas precisamente as estratégias — ficcionais — de autorrepresentação o que importa. Não tanto a ‘verdade’ do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história

(qual delas) alguém conta de si mesmo ou de outro eu. E é essa qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, significante (Arfuch, 2010, p.73).

Segundo Leonor Arfuch (2010), como o narrador elaborou e atribuiu o significado diante das experiências, as percepções de si, como compreende e dar um sentido a uma dada noção de verdade, devem ser considerados ao propormos uma análise biográfica. Sendo assim, nesse cenário a correspondência: “diálogo privilegiado, na alternância das vozes com a textura da afetividade e do caráter — às vezes, das duas vozes [...]acompanhar a vibração existencial de alguém que se ‘conhece’ de longe” (Arfuch, 2010, p. 148). Por permitir essa troca de vozes podemos elencar como as cartas são fontes para o estudo autobiográfico do narrador e também biográfico se pensarmos o sujeito destinatário. Ou seja, um meio de pensar os sujeitos envolvidos a partir de suas semelhanças, individualidades, interações intelectuais, colaborações, desavenças, discordâncias, disputas e afetividades.

Enfrentando a intimidade: Ademar Vidal e a escrita de si na produção epistolar

“De seu velho amigo Ademar Vidal”, com estes termos Ademar Vidal finaliza a carta enviada ao potiguar Luís da Câmara Cascudo. Datada de 25 de maio de 1970, inicia a carta chamando o destinatário de “Cascudinho”, o que já demonstra uma certa intimidade. Vidal relata que se mantém afastado da imprensa: “estou desde anos sem escrever para jornal”, estando dedicado a tentativa de publicar seus inéditos “Ando ocupado em reunir o que já fiz de pouco para um aproveitamento se possível” (Vidal, 1970). No momento de escrita da carta, o paraibano contava com a idade de 73 anos. Ao longo da escrita epistolar, destacou a produção biográfica feita sobre Epiácio Pessoa⁵ e sua reformulação a pedido de Assis Chateaubriand. Aproveitou para solicitar ao potiguar que enviasse a conferência realizado por ele sobre Epiácio Pessoa na Paraíba. Ainda na carta, ele comentou que gostaria que Cascudo lesse o texto *Caju e cachaça*⁶ e convidou-o para lhe visitar. Para isso usou a expressa “nossa casa (sua)” convidando para um almoço e acrescentando “para o ajuste de contas de tanto tempo passado em que apenas nos vemos através de cartas e livros e notícias de jornais” (Vidal, 1970). Ao final perguntou sobre a saúde do amigo.

Podemos elencar algumas considerações sobre a missiva vidaliana, o afastamento da imprensa e a preocupação em publicar o material produzido ao longo das décadas, demonstrando que o paraibano teve o interesse em continuar no circuito intelectual, se não pela imprensa, mas com as publicações autorais por meio de livros. Não sabemos os

motivos que o levaram a afastar-se da imprensa. Além disso, a solicitação de material produzido por Cascudo e a intenção que ele realizasse a leitura do que era produzido, enfatizava a troca intelectual, que fora iniciada na década de 1940, a confiança depositada e reconhecimento de uma amizade intelectual ao tentar partilhar o material produzido. Além de expressões afetivas, tanto ao se despedir e iniciar a carta, como ao convidar o amigo para sua residência. Chama a nossa atenção o detalhe expressado por Vidal ao apontar que a amizade e “encontro” entre os mesmos se dera por tempos através da escrita, o que fortalece a compreensão de uma amizade intelectual, não diminuindo as trocas afetivas, mas evidenciando partilha primária de informações e trocas de textos, a confiança e reconhecimento de ambos os lados de um correspondente intelectual. O que não diminuía a amizade e confidências, além do interesse em saber se o outro estava bem, já que era comum entre os dois relatar o estado de saúde em que se encontrava no momento da escrita das correspondências.

Na epístola de 15 de agosto de 1977, Vidal iniciou rememorando o primeiro encontro com o potiguar: “Cascudo querido. Não pense que ando esquecido de você. Espiritualmente criamos-nos juntos. E vou lembrar”. O encontro aconteceu em João Pessoa na livraria Andrade, reencontrando-o quando Vidal hospedava Gilberto Freyre; o paraibano destacou como a roupa de Cascudo chamava atenção; outro encontro aconteceu na cidade de Natal-RN. Iniciando uma troca de cartas. Apontou que a criação da SPF foi em decorrência da intervenção de Câmara Cascudo, demonstrando inclusive, o desejo de retornar com a SPF: “vou ver agora se ela se levanta”; a carta torna-se um espaço de desabafo ao relatar que:

Desde 1923 que fui obrigado a abraçar o foro com suas terríveis implicações jurídicas tão contra meu gosto. Exerci funções públicas a ele ligadas intimamente. Que jeito? A pobreza do nosso Nordeste tem obrigado a muitos se dedicarem a posições não de seu agrado [...] a Paraíba (o Nordeste) jamais saiu de minhas cogitações intelectuais (Vidal, 1977a).

Os trechos destacados demonstraram o interesse de Vidal de dedicar-se exclusivamente ao campo intelectual, a imprensa e a produção de livros, enfatizando a insatisfação e a obrigação de atuar tanto tempo no ramo do Direito. Identificamos esse desejo também pela continuação ao longo da velhice em publicar os livros que havia produzido, como já relato na carta anterior. Além disso, ele apontou um recorte importante na sua produção, a Paraíba e o Nordeste, em particular, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba, esses são os recortes espaciais de sua obra. Ao longo da correspondência, o paraibano compartilhou como manteve-se focado no trabalho desde

cedo; a sua produção de livros sobre o negro e o desejo de ter o prefácio de *Caju e cachaça* feito por Cascudo. Ao final, Vidal comentou sobre a relevância do intelectual potiguar no campo dos estudos folclórico, a vontade de retornar ao livro que produziu sobre Assis Chateaubriand, a ausência de 35 anos da Paraíba e que estivera no exterior quando o amigo fora a cidade do Rio de Janeiro.

Uma característica comum nas missivas vidalianas era mesclar a afetividade, partilha intelectual e desabafos. Em diversos momentos ele reafirmou a admiração que tinha por Cascudo e o desejo de ter prefácios de sua autoria, uma prática comum entre os intelectuais do século XX. Além disso, observamos a rememoração e o apego com a Paraíba. Salientamos que Vidal se construiu como intelectual representante da Paraíba e do Nordeste na imprensa de circulação nacional.

Localizamos a carta em resposta a essa no IHGP, detentor do acervo pessoal do intelectual paraibano, o mesmo foi doado pela filha após falecimento do pai. Datada de 20 de agosto de 1977, a correspondência de Cascudo em primeiro momento tratou de atualizar o amigo das novidades dos anos em que não se corresponderam.

Grato pela sua carta de 15 deste agosto. Anote meu endereço definitivo. Daqui, para o paraíso. Neste Sobradinho nasceu minha mulher, casamos. Meus dois filhos nasceram e casaram. Comprei-a a sogra, quando do falecimento do sogro. Cá estou desde 1945[...] depois de aposentado na Faculdade de Direito, limite aos 70 anos em 1968, larguei mais de 10 crias. Preciso ocupar-me para não preocupar-me[...] Informo que não estava de sapatos tênis e traje escuro mas... de polainas de linho branco, causando espanto (Cascudo, 1977a).

Identificamos pelo relato de Cascudo o distanciamento epistolar entre ambos após a década de 1940, pois ele indicou uma atualização do seu endereço, como também as mudanças, mencionando sua aposentadoria como professor universitário e a necessidade que tinha em continuar suas empreitadas intelectuais. Registrou também o estado de saúde, a dependência de outros para se manter ativo, retomando a descrição de suas vestimentas quando conheceu Vidal, apontando que eram diferentes dos descritos pelo paraibano. Dando continuidade aos trabalhos intelectuais, solicitou o resumo dos capítulos da produção *Caju e cachaça*, indicando algumas produções suas sobre o tema.

Posteriormente, na correspondência de 3 de setembro de 1977, Vidal comentou do retrato recebido da casa de Cascudo, revelando a vontade de mudar de casa, lembrando a casa na qual viveu em João Pessoa; relatou sobre o ambiente que tinha em casa destinado para seus estudos e como precisava retirar alguns livros de tempos em tempos; o desejo de visitar o amigo e sobre um trabalho sobre Mário de Andrade⁷ com foco na estadia na Paraíba, demonstrando o interesse em retratar a sua temporada no Rio

Grande do Norte pedindo algum material do potiguar sobre. Confessou também o interesse em ter o Cascudo como personagem principal de um estudo. Comentou sobre as operações que fizera. Demonstrando uma preocupação com a escrita da carta, sempre escrevendo apressado ao escrever; aponta lembranças da Paraíba e a tentativa de publicar os inéditos: “e se não puder fazê-lo, os filhos farão (m)”⁸. Ao final, expressou um pouco da intimidade familiar, compartilhando com Cascudo que tivera 5 filhos, dos quais já estavam três casados e a esposa Maria do Céu ajudava os netos, em alguns momentos de cartas posteriores Vidal atribuiu elogios a esposa. Retornando ao desejo de biografar Cascudo e finaliza com a saudação “No mais o abraço apertado de seu velho admirador de coração e espírito” (Vidal, 1977b).

Localizamos uma segunda correspondência de Cascudo para Vidal no IHGP, datada de 04 de novembro de 1977, tratou-se de uma breve mensagem direcionada ao diálogo dos dois sobre o texto do Vidal *Caju e cachaça*, o qual ele havia solicitado que Cascudo colaborasse com o prefácio, porém nessa missiva o intelectual apontou que não seria interessante, por acreditar que:

O prefaciador amacia, sintetiza, salienta, arruma a defesa prévia. Mas o seu ensaio é um documentário, maciço e lógico, da continuidade aclamativa do glorioso binômio. É um trabalho sedutor de observação e reminiscência. Não precisa de arauto nem de passavante (Cascudo, 1977b).

Prosseguiu a narrativa mencionando a circulação de mais uma edição de um trabalho seu, enfatizando também a colaboração vidaliana em outra publicação que também estava sendo reeditada, no caso as produções foram *Contos Tradicional do Brasil* (1946) e *Geografia dos Mitos Brasileiros* (1947) “V. é uma permanente nos meus pobres livros provincianos, embora cariocas e paulistas editorialmente. É um velho bem-querer que o tempo reforça em admiração natural” (Cascudo, 1977b).

A colaboração entre Cascudo e Vidal partiu do envolvimento nos estudos folclóricos. Cascudo empenhou-se na organização e sistematização do campo a partir da SBF, sua atuação enquanto folclorista, como destacou Barros (2018):

as pesquisas e diálogos de Cascudo foram ampliados e difundidos para além da cidade de Natal, passando a dialogar com intelectuais de todo o Brasil e de outros países. A publicação de *Vaqueiros e Cantadores* em 1939, além de ter demarcado a sistematização inicial de sua trajetória intelectual no campo folclórico em formato de livro, também remeteu a outro aspecto: as vésperas da fundação de seu laboratório – um laboratório de pesquisas folclóricas que congregou intelectuais brasileiros e estrangeiros, e foi nomeado de Sociedade Brasileira de Folclore (SBF). A partir de então, Cascudo passou a atuar 33 ativamente

no Movimento Folclórico Brasileiro – um movimento que envolvia as discussões intelectuais na tessitura do saber folclórico desde o final do século XIX (Barros, 2018, p. 33-34)

Desta forma, a elaboração de uma rede intelectual direcionada aos estudos folclóricos permeou o investimento feito por intelectuais, com maior ênfase entre as décadas de 1930 e 1950. No cenário paraibano, Vidal juntou-se a missão do amigo correspondente.

Na correspondência seguinte de Vidal, datada de 07 de dezembro de 1977, iniciou apontando a admiração que sentia pelo amigo: “Admiro-o desde a tarde em que vi trepado numa escada pondo livros abaixo para adquiri-los. Vai longe, vai isso muito longe. Entanto vivemos prazo breve, curto demais. Que se há de fazer? Fiquei sabendo do seu aniversário que é a 30 deste final de ano” (Vidal, 1977c). Prosseguiu a narrativa com a sugestão para o amigo elaborar um livro com os prefácios já feitos. Solicitou informações, teceu alguns comentários sobre o livro que fez em homenagem a João Pessoa, indicou também ter feito a leitura de uma matéria sobre Cascudo, citou a reação da esposa ao ler a matéria também e mencionou Mário de Andrade. Em tons de intimidades abordou os problemas de saúdes que já teve e os do amigo, inclinou-se da imprensa, ressaltando seu afastamento, retomando ao procedimento cirúrgico pelo qual passou.

As duas últimas correspondências foram enviadas na década de 1981, a penúltima foi datada de 31 de março de 1981. Nesse primeiro relato, Vidal justificou a ausência da escrita missiva, em decorrência de uma pneumonia, mencionou o envio de uma mensagem pela passagem do aniversário do amigo, mas não teve retorno. Relatou sua ida para João Pessoa com a família, após 35 anos distantes da terra natal, concedeu entrevistas aos conterrâneos. E ao retornar para o Rio de Janeiro sofreu um acidente e ficou imobilizado, menção a doença “mãos tremulas” que o atingia. Foi informado da recuperação do problema de saúde que afetou a visão de Cascudo. Vidal estava sem produzir e para finalizar fez relatos ter feito menções sobre o potiguar a Assis Chateaubriand. Despediu-se com a seguinte expressão: “Enfim, estou vivo. E como é bom viver” (Vidal, 1981a).

A última carta localizada no Ludovicus, datada de 02 de junho de 1981, na qual informou saber do retorno de Cascudo à leitura, Vidal ainda estava recuperando-se do acidente mencionado na epístola anterior. Compartilhou a realização da organização do arquivo, evidenciando uma pasta com grande número de correspondências trocadas com Cascudo. No entanto, vale ressaltar que não conseguimos localizar outras narrativas no IHGP além das mencionadas. Retomou o diálogo com alusão a família, confidenciou que

o livro sobre Assis Chateaubriand estava prestes a ser datilografado, indicando também o desejo de fazer um livro sobre as cartas trocas entre Cascudo e Chateaubriand. Dando continuidade solicitou informações, desabafou como a doença atrapalhou sua produção, o processo de recuperação e retorno da produção.

Diante dessas narrativas missivas, podemos considerar que o diálogo inicial entre os intelectuais foi marcado por uma dimensão intelectual, o reconhecimento desses sujeitos enquanto figuras detentoras de discursos autorizados e de conhecimento para colaboração mútua em projetos. Com o passar das trocas, percebemos afinidades e o entrelaçar de intimidade, sendo aparentemente mais tímido, mas que também foram fortalecidas ao longo das trocas de correspondências. Entre as tessituras de intimidade, foram abordados desabafos, o ambiente familiar, os desejos intelectuais, as percepções de si, relatos de como se encontravam no momento da escrita.

Nas correspondências das décadas de 1970 e 1980, outro aspecto passou a fazer parte dos relatos, a rememoração. O que também era enfatizado pela velhice a qual ambos passavam, identificamos nas narrativas vidalianas, uma tentativa de organizar e retomar sua produção, assim como a presença de momentos reflexivos sobre seus desejos e trajetos ocupados por ele. Desta forma, podemos pensar como essas descrições de si são formas autobiográficas, permitindo o uso dessas fontes para a realização de estudos biográficos.

Considerações finais

Alguns pontos são ressaltados nas epístolas vidalianas, primeiro observamos uma prontidão e disponibilidade de atuar no cenário intelectual, visto que se direcionou à presidência de duas instituições no solo paraibano (SPF e IHGP), além de conciliar com a carreira jurídica e desenvolver trabalhos pautados na cultura popular a partir dos estudos folclóricos. No conjunto de correspondências da década de 1940, identificamos a empolgação e animação ao criar a SPF, também os desafios de publicar os materiais produzidos, localizamos vários inéditos no acervo do mesmo no IHGP. A solicitação de informações ao amigo potiguar, a troca de materiais folclóricos, vivências familiares e de dimensão pessoal, como doenças, o nascimento de filhos, as viagens. Ao final das correspondências o nome era antecedido por “dedicado”, “velho amigo” e expressões carinhosas. A afetividade e admiração a Cascudo é recorrente nas linhas epistolares de Vidal.

Ainda, vale ressaltar o perfil vidaliano enquanto um biógrafo, visto que se dedicou a produzir narrativas biográficas de sujeitos conhecidos por atuação intelectual e/ou política, como João Pessoa, Epitácio Pessoa, Augusto dos Anjos e Assis Chateaubriand; além de demonstrar interesse em escrever sobre Mário de Andrade e Câmara Cascudo. Todos sujeitos de atuações relevantes nos seus campos de atuação, Vidal tinha uma preocupação em se estabelecer no campo intelectual e se constituir como intelectual que narrou outros intelectuais. Ao longo de suas cartas evidenciamos a Paraíba como espaço de rememoração, compreendemos que a ausência da terra natal influenciou nesse apego além da própria obra dedicada ao cenário nordestino, em particular paraibano. Marcas intelectuais são frequentes ao longo das missivas, como a afetividade e a partilha da intimidade.

Referências

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

BARROS, Ewerton Wirley Silva. *Nos enredos do folclore: Luís da Câmara Cascudo no Movimento Folclórico Brasileiro (1939-1963)*. 2018. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. [Carta] Natal. Destinatário: Ademar Vidal. Rio de Janeiro, 20 de ago. 1977a. 1f. Rememoração e indicações.

CASCUDO, Luís da Câmara. [Carta] Natal. Destinatário: Ademar Vidal. Rio de Janeiro, 04 de nov. 1977b. 1f. Prefácio solicitado por Ademar Vidal.

GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-37.

MARQUES, Maria Joedna Rodrigues. *Ademar Vidal e a produção de uma paraibanidade cultural a partir dos estudos folclóricos (1941-1949)*. 2019. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2019.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

VIDAL, Alice. *Ademar Vidal: para não esquecer*. [S.l.]: Personal, 2010.

VIDAL, Ademar. [Carta] João Pessoa. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 29 dez. 1941. 2 f. Fundação da Sociedade Paraibana de Folclore.

VIDAL, Ademar. [Carta] João Pessoa. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 08 abr. 1942. 1 f. Expectativas acerca da Sociedade Paraibana de Folclore.

VIDAL, Ademar. [Carta] João Pessoa. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 1942. 2 f. Notícias sobre a Sociedade Paraibana de Folclore.

VIDAL, Ademar. [Carta] João Pessoa. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 27 abr. 1943. 1 f. Caráter pessoal.

VIDAL, Ademar. [Carta] João Pessoa. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 23 jan. 1943. 2 f. Visões vidalianas sobre o Folclore.

VIDAL, Ademar. [Carta] Rio de janeiro. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 07 de mar. 1968. 2 f. Sociedade Paraibana de Folclore.

VIDAL, Ademar. [Carta] Rio de janeiro. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 25 de maio. 1970. 1 f. Produção recente.

VIDAL, Ademar. [Carta] Rio de janeiro. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 15 de ago. 1977a. 2 f. Rememoração.

VIDAL, Ademar. [Carta] Rio de janeiro. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 03 de set. 1977b. 2 f. Desejo de escrever sobre Cascudo.

VIDAL, Ademar. [Carta] Rio de janeiro. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 07 de dez. 1977c. 2 f. Sugestão de livro e atualizações.

VIDAL, Ademar. [Carta] Rio de janeiro. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 31 de mar. 1981a. 1 f. Atualizações.

VIDAL, Ademar. [Carta] Rio de janeiro. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 02 de jun. 1981b. 2 f. Retorno e organização da produção.

Artigo recebido em 12/08/2024

Aprovado para publicação em 22/10/2024

Editor(a) responsável: Alicia Panicaci Figueiredo

¹ Durval Muniz de Albuquerque Júnior aponta que “[...] não existe uma única e natural forma de escrever a história” (Albuquerque Júnior, 2019, p. 15), o ensaio é uma das formas que combina arte e ciência, liberdade de linguagem com os preceitos de um conhecimento e de uma pesquisa. Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.

² Alice Vidal, filha de Ademar Vidal e Maria do Céu Lins Vidal, escreveu o livro *Ademar Vidal: para não esquecer* (2010), trata-se de lembranças das vivências familiares. É possível perceber esse mesclar entre público e privado, interferindo inclusive na memória construída sobre o pai.

³ Para mais, ver: MARQUES, Maria Joedna Rodrigues. *Ademar Vidal e a produção de uma paraibanidade cultural a partir dos estudos folclóricos (1941-1949)*. 2019. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2019.

⁴ Para mais, ver: BARROS, Ewerton Wirley Silva. *Nos enredos do folclore: Luís da Câmara Cascudo no Movimento Folclórico Brasileiro (1939-1963)*. 2018. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2018.

⁵ Vidal fez a biografia a pedido do município de Umbuzeiro-PB.

⁶ O texto não foi publicado, sendo identificado como uma produção inédita no acervo pessoal do intelectual, localizado no IHGP.

⁷ Ademar Vidal foi um dos responsáveis por acolher Mário de Andrade em sua estadia na Paraíba quando viajou ao Nordeste.

⁸ A filha Alice Vidal tentou publicar a produção do pai após seu falecimento, mas não obteve sucesso repassando o seu acervo para IHGP.